

FH precisa de um FH

- 4 FEV

MERVAL PEREIRA

A crise do México pode representar para o sistema de economia globalizada que domina hoje o mundo capitalista o mesmo que a derrocada da União Soviética representou para o modelo socialista da Europa Oriental.

Há quem tema que a crise tenha sido apenas amortecida e que o sombrero sem fundo exija mais e mais dinheiro internacional, num processo de desgaste que leve a pique as bolsas internacionais, numa repetição do crack de 29. O diretor-geral do FMI, Michel Camdessus, tratou de exorcizar o fantasma colocando no passado essa ameaça, como se o perigo tivesse acabado. Mas, mesmo que venha a se concretizar a quebra-deira geral, ela em si representaria apenas a punição do capital especulativo, que voa de mercado em mercado em busca de melhores rendimentos.

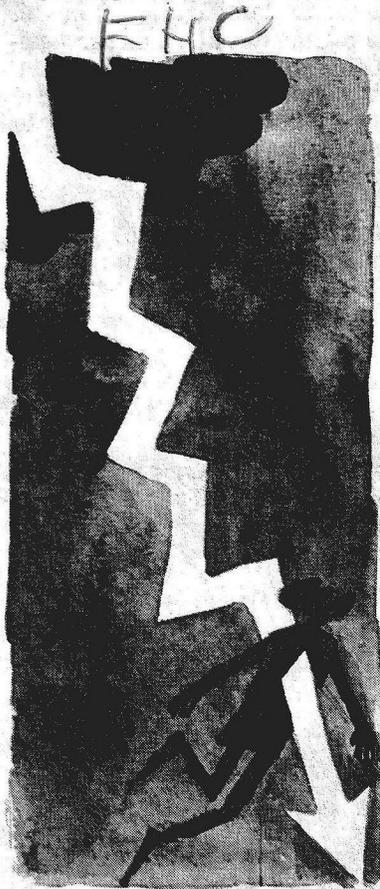
O ex-ministro Delfim Netto, hoje um dos mais atuantes deputados em Brasília, define com fina ironia a questão quando lembra que, se o megaspeculador George Soros quebrar, um fabricante de cimento em qualquer lugar do mundo estará pouco se lixando, pois trabalha com capital produtivo, que não especula em bolsa.

O investimento de longo prazo, este só estaria comprometido se prevalecer a percepção de que o modelo privatizante, de Estado mínimo, está falido. Nada indica, no entanto, que as irresponsabilidades cometidas no México durante mais de quatro anos sejam mais do que isto: apenas irresponsabilidades de tecnocratas acobertados por um sistema político fechado, não submetido ao crivo da opinião pública. O mesmo processo, por sinal, que levou à ruína a União Soviética, que adotava ao paroxismo a máxima ricuperiana: "O que é bom a gente divulga, o que é ruim a gente esconde."

A diferença a favor do mundo capitalista é que não existem outros exemplos de países que tenham adotado o sistema aberto de economia não sendo democracias. A exceção ficaria com os chamados tigres asiáticos, todos ditaduras muito bem-suce-

didadas economicamente. Mas aí entra uma componente cultural que não cabe aqui analisar. Fiquemos no nosso mundinho ocidental, onde a democracia garante meios para que os eventuais desvios de percurso, onde houver, possam ser corrigidos. E aí que entra o nosso caso específico.

O Governo brasileiro gastou grande parte da primeira fase da crise mexicana insistindo em que nada tínhamos a ver com o assunto. "O Brasil não é o México", garantiam, quase arrogantes, nossas autoridades econômicas. A crise mexicana aprofundou-se, nosso déficit comercial passou a dar sinais de alerta, os Estados Unidos começaram a pressionar em favor de uma ajuda mundial ao México para salvar, primeiro, sua própria pele e depois o sistema internacional — e, de repente, emprestar 300 milhões de dólares ao México passou a ser "questão de interesse nacional", conforme palavras do ministro Pedro Malan. Ora, alguma coisa está errada nesse processo.



E o que está errado, como um todo no Governo, é seu sistema de comunicação. Da crise do México à crise do salário-mínimo, tudo está sendo tratado sem obedecer a uma estratégia de governo. A impressão que se tem é que, apesar das muitas reuniões e comissões criadas, não se conversa no Palácio do Planalto. De lá não emanam para o Ministério orientações que permitam ao Governo enfrentar os percalços sem que eles pareçam maiores do que realmente são.

O Governo dá a impressão de estar paralisado, quando não está. Até o momento, a política vigente é não fazer marola, não criar fatos de impacto, na pressuposição de que os dados positivos, por si só, valem por mil truques marqueteiros.

Esse imobilismo como estratégia de governo já está provando que não funciona, e há indicações de que o presidente Fernando Henrique já se inquieta com a situação. Não se trata de fazer pirotecnia para enganar o povo mas, ao contrário, ter um sistema eficiente de comunicação que neutralize crises inexistentes, como a do salário-mínimo. Pipocam pela mídia raciocínios de políticos e analistas irresponsáveis do tipo "como pode o Governo emprestar 300 milhões de dólares ao México e não pagar o salário-mínimo de cem dólares?" Esse dilema não existe, está claro, mas se o Governo não se mobiliza para neutralizá-lo imediatamente, a opinião pública, pelo menos os menos esclarecidos — que são a maioria — tem todo o direito de levá-lo a sério.

Falta ao Governo do presidente Fernando Henrique Cardoso não apenas um coordenador político, mas um formulador de estratégias globais. Um homem de sua confiança, que não precisa ser sábio mas ter sabedoria política e capacidade de aglutinação para pensar adiante, sugerir manobras e estratégias, fazendo com que o Governo esteja à frente dos acontecimentos, conduzindo-os e não sendo levado a reboque. Quando era ministro da Fazenda, Fernando Henrique exercia esse papel no Governo Itamar Franco. Hoje, é ele quem precisa de um Fernando Henrique.

Merval Pereira é diretor da sucursal do GLOBO em Brasília.